NUM. 93 SABBADO 12 DE MARÇO DE 1910 ANNO III

# CARETA

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

COELHO NETTO—o deputado da litteratura.

# MIMOSAHIL

## THESOURO DA CUTIS

Maravilhoso agente da belleza para fazer desapparecer radicalmente— *Espinhas, Cravos, Sardas, Pannos, Rugas, Manchas e Erupções da pelle, etc.*

O uso deste mimoso aformoseador, dá a cutis uma maciez delicada e um avelludado fascinador, dispensando completamente o uso dos nocivos pós de arroz.

Deste modo torna-se indispensavel ao toucador de todas as damas de tratamento.

A' venda nas casas de perfumarias *Bazin, Ramos Sobrinho, Nunes, Louis Hermanny, Cirio, Gaspar e na Drogaria Mattos Saldanha*

*Depositarios: ABEL & C.*

**36, Rua Rodrigo Silva -- antiga rua dos Ourives, 28**

(Entre Assembléa e Sete de Setembro)

***Vidro 4$000*** )-( ***Pelo Correio 5$000***

## GRAÇAS ÁS

# Gottas Salvadoras das Parturientes

## DO DR. VAN DER LAAN

**Desappareceram os perigos dos partos difficeis e laboriosos!**

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento durante o ultimo mez da gravidez, terá um parto rapido e feliz.

Innumeros attestados provam exhuberantemente a sua efficacia. A' venda em todas as drogarias e bôas pharmacias do Brazil.

Deposito geral: *Pharmacia Homæopathica* do Dr. J. H. VAN DER LAAN—Rua Marechal Floriano, 116—Porto Alegre.

DEPOSITO GERAL:

**ARAUJO FREITAS & C.**

114, Rua dos Ourives, 114

**RIO DE JANEIRO**

# Gillette

| | |
|---|---|
| Navalhas Gillettes legitimas com 12 laminas | 15$000 |
| Pelo Correio | 16$000 |
| Navalhas mecanicas garantidas | 2$000 |
| Pelo Correio | 2$500 |
| Laminas Gillettes legitimas, pacote | 3$500 |
| Pelo Correio | 4$000 |
| Lamina Gillettes legitimas, estojo de metal | 4$000 |
| Pelo Correio | 4$500 |
| Pós de arroz: Azurea, Floramye, Trefle, Safranor e Vivitz. | 2$500 |
| Tonico Camacan legitimo, de Amorim & Campos | 1$500 |
| Tricofero de Barry | 1$000 |
| Creme do Harem | 3$000 |
| Sabão Aristolino | 1$200 |
| Brilhantinas Concretes especiaes | 1$500 |
| » » de R & Gallet | 2$500 |
| » » » Houbigant: | 2$500 |
| Ideal, C. de Jeannette e outras de » | 4$500 |

***SO' NA CASA MAIS BARATEIRA***

COELHO BASTOS & C.

*42 — Rua dos Ourives — 44*

ANTIGOS 60 E 62

**Cura todas as molestias do couro cabelludo**

**EVITA A CASPA E A QUÉDA DO CABELLO**

E' finamente perfumado e indispensavel no toucador;

**SUBSTITUE TODOS OS OLEOS, SENDO UM EXCELLENTE TONICO**

UNICOS DEPOSITARIOS:

**Araujo Freitas & C.**

**114, RUA DOS OURIVES, 114**

RIO DE JANEIRO

O SEGREDO DA MOCIDADE
AGUA
FIGARO
DE
A. BUENO
MARCA REGISTRADA

# UMA DELICIA NO TEMPO DE CALOR!

**A' venda em todos os armazens de commestiveis, pharmacias, etc.**

**Deposito: CASA HERMANNY**

Rua Gonçalves Dias, 67 — Avenida Central, 126

REDACÇÃO E OFFICINAS: RUA DA ASSEMBLÉA, 70 — RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURAS: ANNO . . . . 15$000 | SEMESTRE . . . . 8$000

NUMERO AVULSO: CAPITAL . . . . 300 Rs. | ESTADOS . . . . 400 Rs.

EDIÇÃO DE "KOSMOS"

N. 93 | RIO DE JANEIRO — Sabbado — 12 — Março — 1910 | ANNO III

# MENTIRA

( POR TRINCA-FIGOS )

A mentira é com certeza a instituição mais antiga que existe sobre a terra. Os exegetas mais autorisados remontam a descoberta da mentira a Caim. Para mim ella vem desde Eva. Aquella historia da serpente é uma transparente invenção. Eva era gulosa, estava com fome, olhou a maçã, reparou e zás! Adão naturalmente não se fez rogado. Quem resiste a uma maçã rosada, madura e doce? Praticado o crime era necessario desculparem-se; Adão atirou a responsabilidade sobre Eva, Eva atirou-a sobre a serpente. E' o que o Codigo Penal chama uma calumnia, que por sua vez é uma mentira nociva.

A mentira é pois anterior ao uso da pedra lascada porque, quando Eva pregou a primeira mentira, a sua arma eram os dentes. De posse da mentira a humanidade ampliou-a, aperfeiçoou-a, generalisou-a, tornou-a universal. A mentira é pois a mais legitima conquista do homem e a sua arma mais util; mas para que produza todos os beneficios de que é capaz é necessario que seja usada com discreção. O abuso estraga tudo até mesmo a mentira e a mentira leviana arrasta atrás de si consequencias funestas.

Desses dois erros citarei exemplos.

Tenho um amigo que mente de nascença. Ficou sem gritar duas horas depois de nascido, só para que o suppozessem morto. Chama-se *Mendes*; devia chamar-se *Mentes*. O Mendes abusa do uso da mentira de modo que ninguem o acredita. Uma vez estavamos num arraial de Minas, elle, eu, e uns sertanejos. Discutiamos o meio de distinguir a nota falsa da verdadeira, a necessidade de concertar se a ponte do rio local e outros assumptos que preoccupam eternamente o sertanejo. Nisso chega um faiscador offerecendo um diamante por um conto de réis. O Mendes examinou-o, regateiou e offereceu quinhentos mil réis, offerta que foi acceita.

— Bom! disse o Mendes, eu vou ali ao rancho buscar o dinheiro. Estarei de volta em cinco minutos.

E sahiu. Sahiu e chegou o vigario que, inteirado do assumpto, foi logo dizendo:

— Ora o Mendes! o Mendes! Quem acredita no Mendes! Se quizer quatrocentos mil réis pelo diamante, está aqui o dinheiro. O Mendes não volta cá hoje. Pergunte aos presentes se o Mendes já disse alguma verdade em sua vida...

Todos concordamos que elle era uma mentira ambulante e o vigario comprou a pedra. Dahi a dez minutos o Mendes, de volta, desesperou. O diamante valia cinco contos! Foi por quanto o revendeu o padre. Outro caso deu-se commigo.

Todos sabem que sou louco por queijadinhas. Por ellas sou capaz de vender a alma. Se me collocarem entre as duas pontas deste dilemma: "ou tua honra ou um prato de queijadinhas" eu cedo a minha honra. Depois suicido-me; mas que hei de fazer?

De uma feita fui a Itabira e hospedei-me em casa de um professor que era a personificação *plusquam perfeita* da amabilidade. Fez-me, ao jantar repetir cada prato tres vezes. Quando veiu a sobremeza pude, no maximo, ingorgitar vinte queijadinhas.

— Coma mais!

— Não posso; respondi eu.

— Mais uma queijadinha só! Foi feita por minha filha.

— Não posso!

— Nem uma? Não as acha boas?

— Acho excellentes; mas para me abrir com o senhor, confesso-lhe que não gosto de queijadinhas. Detesto-as!

— Então não está mais aqui quem falou! Peço-lhe mil desculpas.

E retirou o prato.

Arrependi-me da mentira, mas era o unico meio de salvar o meu estomago de uma explosão imminente. No dia seguinte sahi a percorrer a povoação em companhia do professor. Em toda a parte onde nos offereciam qualquer coisa, o meu companheiro dizia logo:

— Comtanto que não sejam queijadinhas!

— Porque?

— Porque o nosso hospede não póde vel-as nem de longe.

Durante dias o professor me defendeu das queijadinhas com uma dedicação odiosa. Tive impetos de assassinal-o, mas a custo, contive-me. Itabira é a patria das queijadinhas, de modo que o trabalho do professor em evital-as foi insano. Na vespera da partida fui jantar com o vigario, meu velho conhecido. A' sobremeza a caseira trouxe uma travéssa coberta com um guardanapo e collocou na mesa.

— Agora, disse o bom padre, vou-lhe fazer uma agradavel surpreza. Vou mostrar-lhe que não me esqueci da sua paixão antiga. E descobriu a travéssa.

Quando o professor viu as queijadinhas, arrebatou-as á minha vista, dizendo:

— Perdão, seu vigario! O nosso hospede detesta...

— Detesta o que! gritei eu, saltando na travéssa e assentando sobre ella as mãos espalmadas. Estas não saem daqui nem á bala!...

E comecei a devoral-as entre a surpreza do padre e o espanto do professor.

No dia seguinte não pude viajar porque só havia óleo de ricino numa fazenda dahi a quatro leguas e o camarada que foi buscal-o voltou já tarde.

# A' SOMBRA DAS 7 PALMEIRAS

Era quasi á noitinha.

A casa do Hierophante mergulhava a fachada na treva, quando subi as mysteriosas escadas do tabernaculo devinatorio.

Já estava cheio o salão. D. Maricota, uma senhora de idade que conhece todas as cartomantes do Rio, frequenta a casa de todos os sacerdotes da magia mais ou menos suspeita que de uns tempos para cá assombrosamente prolifera, acolheu-me com um olhar bondoso e animador para a minha timida e hesitante invasão no recinto augusto. Fui introduzido pelo filho mais velho de Euclydes da Cunha!!

*O consultorio do Hierophante.*
*Consultas de senhoras sobre se casarão ou não casarão.*

Havia gente de todas as idades, de todas as cores, de todas as posições sociaes, sentados á parede uns, outros de pé pelos cantos, attentos e encolhidos. No meio da sala o sacerdote pontificava, sempre sobrecasacado, com as melenas revoltas e o cavaignac mysticamente arrepiado.

Retratos pelas paredes. O poeta em trage consular e poetico, Victor Hugo aos 80 annos, Castro Alves com o bigodinho espetado, militares da andiga com fardas anachronicas e barbas idem, uma galeria enorme, pittorescamente dispersos. De certo, toda aquella gente que alli estava suppunha-os todos grandes magicos de outr'ora.

E entretanto o grande magico realmente era o Hierophante Mucio, de sobrecenho carregado numa postura olympica, procurando imitar os modos, as posturas, os gestos do popularissimo Brandão na *Pera de Satanaz*.

Não ha necessidade de apresentação para se entrar no sanctuario. O Hierophante popularisou o Mysterio.

Quando eu cheguei ia começar uma experiencia de hypnotismo. Duas cadeiras no centro da sala, um pouco afastadas. Um pequeno de aspecto doentio era o paciente.

Mucio arregalou os olhos, fitou uma coruja empalhada que estava sobre a estante principal onde os poetas brigam com os relatorios consulares e esses graves documentos com as obras de Papus e de Eliphas Levy e avançou gravemente com todo o fluido odico ou que melhor nome tenha prestes a disparar das dilatadas pupillas. Fitou o pequeno que de certo pensando era elle o lobishomem dos seus contos infantis encolhia-se tremulo.

O auditorio delirava, attento aos seus menores movimentos.

O Hierophante deu tres pinotes e começou a fazer passes. Passes e caretas. E velhas e moças, mulheres e homens, machinalmente faziam os mesmos gestos, imitavam-lhe todas as caretas.

O pequeno immobilisou-se.

— Dorme! Trovejou o Hierophante em voz tronitroante.

E o pequeno dormiu.

Mucio deitou-o, os pés sobre uma cadeira, a nuca sobre outra, rigido e immovel.

O auditorio naturalmente recebera as particulas de fluido dipersas, por que fechava os olhos e cabeceava.

Uma velha, o queixo fincado sobre o peito, movia os labios apressadamente como se conjurasse os máos espiritos.

Outra deixava fugir um canto monotono como os que se ouvem nas igrejas evangelicas em noite de pregação.

Só eu ficara imperturbavel.

Mucio olhou-me.

Decerto adivinhou em mim um curioso, pois que carregando mais os sobrólhos desfechou-me olhares irritados.

Talvez pensasse em fazer-me dormir.

O caso é que machinalmente fui cerrando os meus olhos, mas ainda mais machinalmente levei a mão ao relogio.

Não sei se o contacto metallico annullou o fluido. O certo é que achei-me mais disperto do que nunca.

O propheta vendo que o seu olhar não bastava começou a fazer-me caretas.

Os braços moviam-se vertiginosamente concentrando em mim todos os fluidos dispersos.

Mas eu atracado ao relogio estava absolutamente resolvido a não dormir, de sorte que desesperado o Hierophante fechou os punhos e elevou a voz tonitroante, com os olhos na coruja:

— Potestades! Xun — Bur! Megaphorema! Metaphorema!

Ouvindo essa terminologia barbara pensei que elle estivesse chamando o outro Hierophante, o Magnus Sondahl e apavorado, com medo de uma paulificação sociocratica disparei pela escada a baixo.

E eis ahi como o ex-vate, ex-consul, ex-jornalista, ex-tudo, o genial autor das *Esmolambações* trabalha.

# A' SOMBRA DAS 7 PALMEIRAS

*Em casa do Hierophante. — Habitués ás sessões do grande magico. — Como os leitores veem ha pessoas de todos os matizes.*

*Em casa do Hierophante. — Uma sessão de hypnotismo. — Tudo dorme; só o Mucio vela.*

*O Rio de Janeiro. — A Igreginha de Copacabana.*

# NO PASSEIO

A velha.—A mim tu podes espantar mas não conquistas.

## Philosophias de rua...

— Coitado do Manduca. Esfalfa-se a trabalhar o dia inteiro e a mulher a saracotear pela Avenida !...
— Deixa-a lá, coitada! Assim é que se divide a vida. Elle trabalha para ella e ella diverte-se por ambos.

## FOLHINHA DA «CARETA»

Dia 12 — *Sabbado* — S. Gregorio, epicurista. S. Bernardo *Monteiro*, inventor das bernardices. Dá o burro por quatro lados.

*Calendario positivista* — 15 de Aristoteles de 122. *Aristippo*, proprietario da primeira typographia aerea.

Dia 13 — *Domingo* — O beato Rogerio *de Miranda*, que não descobriu a polvora paraense. Dá o avestruz.

*Calendario positivista* — 10 de Lopes Trovão de 122. *Antisthenes*, sugeito cuja memoria se perdeu.

Dia 14 — *Segunda-feira* — S. Aphrodisio, padroeiro dos velhos. Dá a cobra.

*Calendario positivista* — 2 de Lopes Trovão de 122. *Zeno*, individuo da antiguidade.

Dia 15 — *Terça-feira* — S. Longuinho, santo que não era curto. S. Lucrecia Borgia.

*Calendario positivista* — 3 de Lopes Trovão de 122. *Cicero*, Ruy Barbosa de Roma, que tambem andou ás turras com a espada. Plinio, o moço que apanhava cascudos civilistas.

Dia 16 — *Quarta-feira* — S. Abrahão, prestamista. S. Hilario *de Gouvêa*, padroeiro contra os argueiros.

*Calendario positivista* — 4 de Lopes Trovão. *Epictetu*, contador de mentiras. *Ariano*, sugeito que seguia as doutrinas de Ario.

Dia 17 — *Quinta-feira* — S. Agricola, funccionario do Povoamento do Solo.

*Calendario positivista* — 5 de Lopes Trovão de 122. *Tacito*, escriptor de verrinas na antiga Roma.

Dia 18 — *Sexta-feira* — S. Narciso, fabricante de espelhos. O beato Salvador da Horta, agricultor.

*Calendario positivista* — 6 de Lopes Trovão de 122 *Socrates*, personagem de cinematographo. Dá o perú.

---

O illustre madeirense coronel Bressane á vista do resultado das eleições de 1º de Março em Minas, vae retirar-se á privada.

Pezames á politica nacional!

---

Tendo sido o Sr. Wenceslau derrotado em seu Estado natal, vamos ver se elle segue o exemplo que lhe deu o grande caracter que é Fernando Lobo.

---

# RUY BARBOSA

*O egregio brazileiro em sua bibliotheca.*

*Esta photographia foi tirada na quarta-feira, ao meio-dia, quando S. Ex., interrompendo o seu trabalho, ia almoçar.*

## DR. CARVALHO BRITTO

*Chefe da reacção civilista mineira, que acaba de derrotar o Dr. Wenceslão Braz, salvando o bom nome e honrando as tradições de Minas Geraes, com um dos mais bellos exemplos de civismo dos tempos que correm.*

## VIOLENCIA INQUALIFICAVEL

O CORONEL TIBURCIO D'ANNUNCIAÇÃO SUMIU! — TUDO RESPONSABILISADO!

Desde 1º do corrente não tinhamos noticia do Sr. Coronel Tiburcio d'Annunciação. No dia em que o nosso illustre collaborador nos devia trazer o original da sua apreciada carta, não compareceu no nosso escriptorio. Sobresaltados com essa falta sem precedentes, começamos logo a tomar informações. Um typographo das nossas officinas garantiu-nos que no dia 1º viu o coronel Tiburcio em frente a uma sessão eleitoral da Gavea trocando bengaladas com o Sr. Mello Mattos, e que acabou por atirar esse cabo eleitoral do Sr. Augusto de Vasconcellos de cabeça para baixo na lagôa Rodrigo de Freitas, dizendo-lhe: "Vai! que esse é o teu logar!"

Um transeunte nos disse que no mesmo dia viu o coronel no largo da Lapa discutindo com o Elysio de Carvalho e promettendo-lhe porretadas se elle voltasse a provocar arruaças em Minas. De outra fonte constou-nos que foi visto nas grades da policia central um velho de longas barbas grisalhas, fraque cinzento e gravata vermelha, muito exaltado, dando vivas a Ruy Barbosa. Immediatamente telephonamos ao Sr. Leoni que negou o facto.

Acreditamos que o nosso collaborador esteja sequestrado e contra essa violencia inqualificavel protestamos vehementemente, responsabilisando por ella o Sr. Leoni, o Augusto Cambraia, os ministros, o conego Wolfffenbuttel, o presidente da Republica e o cardeal.

Olho por olho, dente por dente!

— A' ultima hora veiu ao nosso escriptorio o coronel Tiburcio acompanhado da condessa Biella, do tenente seu genro, D. Bibi e o Juquinha. Vieram agradecer-nos o interesse que tomamos pelo illustre chefe da familia. O coronel declarou-nos que continuará as suas cartas, interrompidas por um ataque de reumathismo que o deteve no leito desde o dia 28 do passado. O nosso collaborador não soffreu violencia nenhuma. Publicamos o protesto acima, apenas para aproveitar a composição.

## MACHIAVELISMO DO BABAQUARA

OS DOIS CEARENSES — OPPOSICIONISTAS EM APUROS

Em sua communicação official ao Sr. presidente da Republica, o Babaquara Accioly resumia o pleito eleitoral do Ceará nas seguintes palavras: "Hermes 20.000 redondos, Ruy 2 seccos".

Publicado o ineffavel despacho, o Rio de Janeiro, estupefacto, de queixo cahido, murmurou:

— Dois civilistas no Ceará! Quem serão elles? Pois no Ceará vive alguem que não seja Accyoli?! Algum Accyoli estará contra o Accyoli?!

Não só o Rio de Janeiro, tambem o resto do Brazil commentou, boquiaberto, o extranho caso. Mas o extranho caso acaba de ser explicado pelo Babaquara num telegramma ao candidato da convenção de Maio. Eis o curioso despacho: "Votaram contra V. Ex. os dois unicos opposicionistas do Estado, que são o João Brigido e o J. da Penha".

Estes, que são hermistas vermelhos, espinotearam diante da communicação explicativa.

Em nome de João Brigido, o nosso amigo Leopoldo Brigido narra o caso ao publico, por nosso intermedio, do seguinte modo:

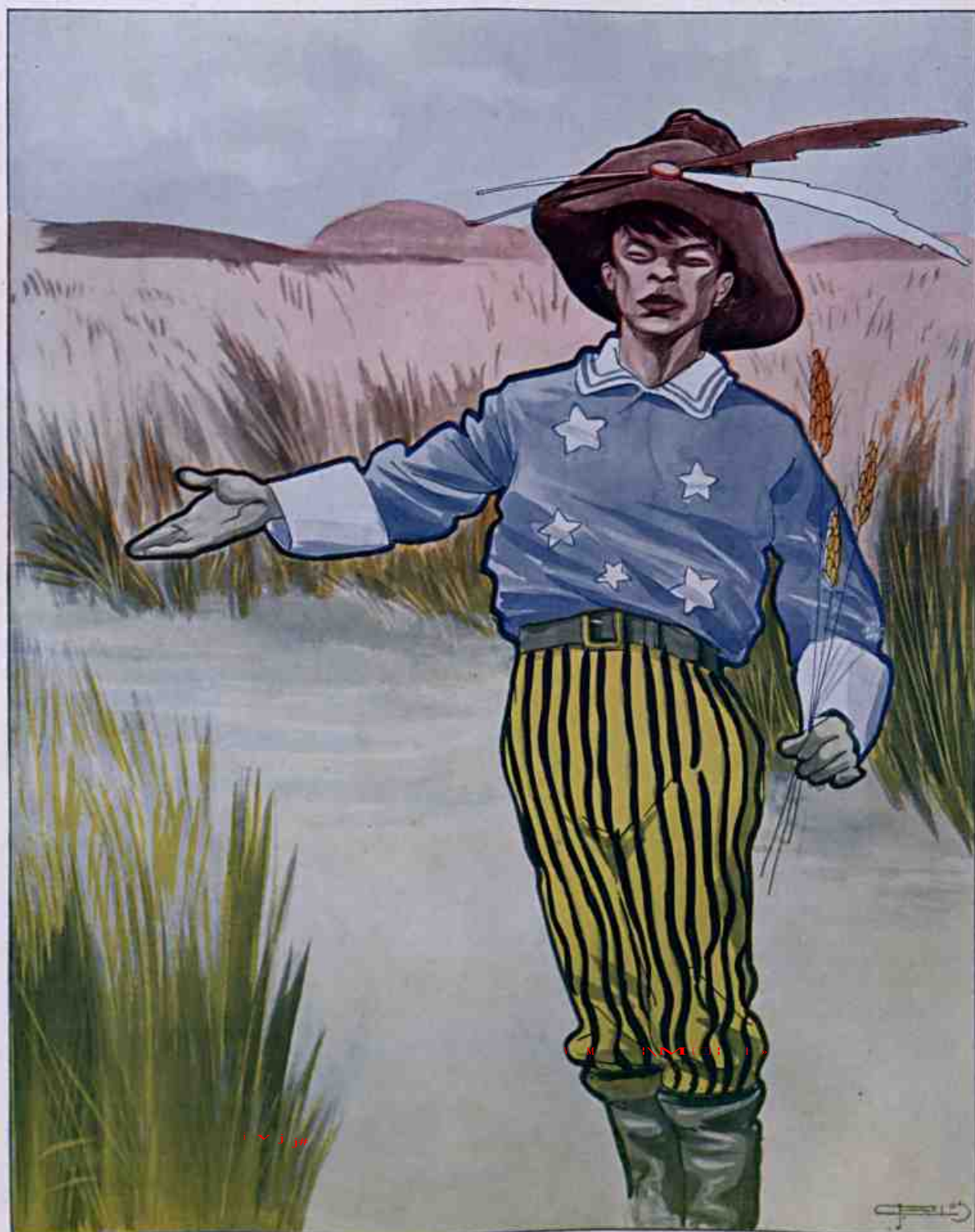
— O Accyoli, ao fabricar as actas, metteu nellas os dois votos no Ruy para intrigar os opposicionistas.



Os nossos proprietarios:

— Meu caro Sr. commendador, bem sabe que sou um inquilino cordato, mas desta vez não tenho remedio senão fazer uma reclamação. A casa em que moro está immunda. Não serve nem para porcos.

— A apostar em como vae se mudar, hein?

# A cultura do trigo no Brasil

*Brasil.* — Emfim!... Chegarei a comer o tradicional pão conseguido com o suor do proprio rosto.

# Scenas da vida carioca

*O mercado do Largo da Sé. — O italiano do peixe: Ma...! Porco Dio! Questa garopa é una fortuna! Tres mila reis? Madona! Questo non é denaro! Che birbona!*

## Infeliz requinta

Tendo constado que o partido civilista cuja força e disciplina vem de ser posta brilhantemnnte á prova, havia apresentado a candidatura de Carvalho de Brito á presidencia de Minas, este illustre republicano, obteve uma votação que apavorou o candidato unico. Bastou um simples consta para abalar o prestigio eleitoral do judaismo!

Ah! Si essa eleição se realizasse quinze dias mais tarde, pobre Bueno Brandão! A sua requinta não voltaria a sifiar no palacio da Liberdade!

---

* * * A Prefeitura tem um funccionario que merece ser conhecido, o Sr. Hirundino Esteves.

Esse preclaro cidadão occupa-se pela manhã em passeiar pelas praias de banho, naturalmente a fiscalisar se as casas que se dedicam a semelhante industria, (industria ou commercio, a cousa não está bem verificada ainda) estão como a lei determina providas de apparelhos de salvação. E emquanto faz esse trabalho, bispa as lindas banhistas, o que é proveito seu. Mas o Hirundino é perverso.

Não consente que outros façam o mesmo.

Elle tem direito, pois é da Prefeitura. Os outros são simples mortaes.

Então quando é photographo quem se chega á praia com a sua machina em punho, Hirundino damna-se.

Damna-se e prohibe que semelhantes profissionaes trabalhem. E se elles teimam chama a Guarda Civil.

Ora o Hirundino pensa que o Rio de Janeiro é Araruama. Por isso que ha aqui tabaréos funccionarios, não se segue que o Rio siga os costumes de Hirundino. O Hirundino está talhado para ser o nosso senador Berenger quando lhe chegar a idade.

Recommendamol-o ao Dr. Serzedello.

A' vista do insuccesso de sua empreza politico-jornalistica no Triangulo mineiro, os Drs. Alaor Jovem Turco Prata e Afranio de Mello Franco vão renunciar ás suas cadeiras de deputados.

Que grande perda para a Patria!

---

## Uma Pechincha

Adeus, Deusa de extraordinaria belleza, como vai este pancadão? Toda chique e de flor ao peito!

Ora, não amolle Sr. Salgueiro, o Sr. não tem palavra. O Sr. me prometteu que, quando o jogo estivesse franco o Sr. me daria um bom presente, no emtanto tem sido o contrario, o Sr. depois que está bancando o jogo do bicho, tem sido o terror aqui da fabrica.

Qual filha não é tanto assim, é porque tenho tido muitos tiros pela culatra.

Ora muito bem .... Sr. Salgueiro, agora estamos em bôa occasião.

A BOTA FLUMINENSE está fazendo uma grande liquidação de calçados de todas as qualidades — imagine o Sr.! Norzeguins de pellica, a 18$, 20$, 22$ e 25 mil réis. Sapatos *Chaleira e Viuva Alegre*. Sapatos de setim, a 18$ e 20 mil réis, o que é uma pechincha e o Sr. podia me fazer o presente d'um. Onde fica esta casa, tetéa? O Sr. não sabe? E' na rua Marechal Floriano n. 123, canto da Avenida Passos, e o seu proprietario remette para o interior sómente com o accrescimo de mais 2 mil réis em cada par.

Pois bem filha, se hoje eu não levar *tiro*, dou-te um par de calçado.

# Scenas da vida carioca

O mercado do Largo da Sé. — A venda do peixe ao ar livre. Esperando o freguez, porque o amador ao lado não compra.

O mercado do Largo da Sé. — Quê o que sinhá Rita, os tempo tá bicudo! Vancê não tá vendo o desaforo do portugueiz das verdura? Dois tomate por um tostão e assim mesmo desse tamanhinho!

# CARTAS DE UM MATUTO

Por não ter apparecido, como de costume, no nosso escriptorio, o Sr. Coronel Tiburcio d'Annunciação, facto a que alludimos em outro logar, cedemos provisoriamente a sua pagina a uma cantiga que corre hoje os sertões do norte de Minas. Quem nol-a favoreceu foi o Sr. A. F. Telles Mendes, viajante da importante casa commercial desta cidade que a ouviu ao som da viola, num rancho de tropeiros, entre Montes Claros e Contendas, e a copiou immediatamente, conservando até a prosodia do cantador. O Sr. Telles Mendes nos autorisou a declarar o seu nome como prova da authenticidade do facto.

Muito gratos a esse prestimoso amigo da *Careta*.

## O DIABO E O CHICO SALLES

Meus senhores e senhoras
Rezem o credo primeiro
Que eu vou contá por miúdo
Este caso verdadeiro
Passado na minha terra
Entre o diabo e um mineiro.

Um dia o inferno rachou
Entrou frio pelas grêta
E deu tanta pulmonia
Que morrêro dois capêta
O foguista e o mexedô
Da caldeira dos forrêta.

Então Satanaz falou
A um diabo escovado:
"Arruma depressa a trouxa,
Toma um cavallo arreiado,
E vai buscar duas alma
Que o serviço tá parado".

O diabo ouvindo as orde
Pois a bolsa na cintura,
Levou de matalotage
Farinha com rapadura,
Montou num cavallo preto
E lá se foi na andadura.

Chegando á beira de um corrego,
O diabo desapeou,
Deu lombo ao cavallo preto,
Fez sua jacuba e tomou
E ficou imaginando:
Não sei por que trilho eu vou.

Assim que o sol foi virando
Poz o cavallo na estrada.
O cavallo tava frouxo
Mas a poder de esporada,
Comeu tres leguas e meia
Até numa encruzilhada.

Emquanto se esfrega um ôlho,
O cão mudou de figura,
Virou um negro papudo
Feio, de má catadura,
E tão alto que media
Mais de dez palmo de altura.

Botou os trem no cavallo
E soltou uma tacada,
O cavallo deu tres rinchos
E sahiu na disparada,
Soprando fogo p'las venta
Tirando lume na estrada.

O negro oiôu para os lado,
Vendo que tava sozinho,
Amarrou bem o borná,
Assoprou um redemoinho,
E antes de vi a noite
Tinha comido o caminho.

Chegou a Bello Horizonte.
A lua tava sahindo,
Nem viva alma pelas rua;
O povo tava drumindo.
Só via berrá uma vacca
E arguns cachôrro latindo.

O diabo andou, andou,
Nem home, nem bicho; nada!
Lá pelas tanta da noite
Tava co'as perna cançada.
Quando topou co'um vivente,
Já era de madrugada.

Era um home magro e alto,
Vestido de croazê,
C'uns óclos prêto na cara
E a barba por fazê,
Qu'ia puchando um cargueiro
Com verdura pra vendê.

O negro então lhe falou:
"Dou graça de lhe encontrá.
Quero pedir-lhe uma coisa
Para o senhô me arranjá,
Que eu venho de muito longe
E tenho contas a dá".

Chico Salles respondeu:
"Nunca dei nada a ninguem.
O que eu tenho é pra vendê;
Se qué comprá, muito bem!
Se não qué, siga seu rumo
E Deus que lhe ajude. Amen!"

Ouvindo o nome de Deus,
O diabo se estroceu,
Mas maginou lá comsigo:
Este serve; este é dos meu.
Ahi, concertando a cara
Elle foi e arrespondeu:

"Meu senhô vancê escute
O que tenho a lhe propô.
Eu vim fazê uma compra
E pago seja o que fô..."
Ahi sacudiu a bolsa
E as moéda balançou.

Vendo o tiní de moéda
C'um negro feio e papudo,
Chico Salles estacou
Ficou uns instante mudo,
Depois disse: "Me acompanhe
Que nós arranjemo tudo".

Mettero o pé no caminho,
Seguiro uma estrada torta,
Topáro c'uma cancella,
Atrevessáro uma horta,
E entraro numa casa.
O Chico fechou a porta.

Entrando logo em negocio
O diabo foi falando:
"Perciso de duas alma,
Atrás dellas é que eu ando.
Pago bem, mas quero pressa,
Que tem gente me esperando".

Chico Salles perguntou
Quanto elle dava em dinheiro.
"Dou á vista mil cruzado
E pago já por inteiro".
"Pois tá feito! disse o Chico,
Vendo a minha e a do vaqueiro".

O negro puchou da bolsa;
Tá tirando patacão...
Contou vinte, contou trinta,
Passando um por um na mão,
Pra depois da compra feita
Se virá tudo em carvão.

Chico guardou as moéda
Num saquinho de baêta,
Ensopou com agua benta,
Poz no fundo da gaveta,
Amarrado c'um rozario
Contra as arte do capêta.

O diabo oiôu e disse:
"Chico hoje ocê me venceu
Mas eu te quero é lá em baixo,
Lá te amostro quem sou eu;
Hei de te pô na caldeira
Adonde fervo os judeu!"

Ahi ouviu-se um estouro,
A terra logo se abriu,
Ficou um fedô de enxôfre,
E o capêta sumiu...
Senhores isto é verdade;
Foi contado por quem viu.

# SOLTEIRONAS

*Gavea, Larangeiras e Rio Comprido.* — E' como todos os homens. Casa com a irmã mais bonita e as cunhadas que se arrangem.

## INSTANTANEO

*A Exm. familia do Dr. Edmundo Bittencourt.*

# UM MEDICO ILLUSTRE

Vivia retirado do mundo, gozando a vida através o noticiario completo dos jornaes, philosophando atrevidamente sobre todas as questões, as mais complexas, dando a si mesmo as mais exquisitas opiniões, o Sr. Camafeu Pelado.

Conheci Camafeu em uma noite de soffrimento. A vida sempre me correra bem, tudo me sahia conforme os meus desejos, ganhava com prejuizo do Sr. Alfredo Pinto no bicho e perdia para satisfação do mesmo senhor nos automoveis e carros de luxo, quando após uma tormentosa noite de *Rafale*, ia pela Avenida a fora, a gozar o calmo céo, *bras dessus, bras dessous*, com aquella consita gorda que faz a laranja no Esfolado.

Camafeu era meu visinho, moravamos numa avenida.

Os visinhos fallavam-me nelle, apontavam-m'o como uma notabilidade e como um mysterio. Entre muitas outras virtudes Camafeu juntava a de curandeiro, não pelos processos complicados do espiritismo; modestamente, elle consultava o grande livro do Sr. Coelho-Barbosa, Homoepathico-Familiar, corria uma a uma as paginas, perguntando ao doente quaes os diversos aspectos do mal e, no fim, dava para uma dôr de cabeça ou de dente um remedio de nome difficil, que o doente na occasião acreditava ser o libertador da molestia, e que não era mais do que um contraveneno para dentadas de formigas e pulgas.

Resultavam d'isso vantagens para ambos — para Camafeu porque juntava mais um consulente á lista já enorme, dos seus clientes, para o doente porque ficava sabendo que os remedios de nome difficil só curam molestias tambem de nome difficil. Assim uma dôr de barriga nunca póde ser curada com um Tharantula ou um Carbis Vegetale, e vice-versa, uma Arthrite ou uma Anthropothios absolutamente não póde ser curada com um Aconito.

Entretanto, embora Camafeu não fosse um profissional, ia vivendo numa crescente popularidade até que o seu nome chegou aos meus ouvidos em uma noite escura, chuvosa, em que os medicos de grandes e douradas taboletas na porta não visitam doentes, salvo quando estes, delicadamente, mandam num automovel um criado com uma nota de 200$000 inconvertida na mão:

— Dr., o Castro manda esta notinha para ir vel-o; o automovel está na porta, a espera: — é linguiça visse fogo. Si querem ver um medico atrapalhado é juntarem dez doentes á morte numa noite, e irem chamar aquelle medico que foi ministro da fazenda com notinhas de 500, assim como quem chama cachorros com linguiça na mão.

N'essa noite eu estava atacado de um mal profundo, de uma Hyperesthesia no cerebro, que um amigo dissera-me ser originada de opio.

Sentia-me mal, muito mal, e como o Camafeu fosse visinho, mandei chamal-o para ver o meu estado.

Passam-se minutos e nada do Camafeu vir; dez, quinze minutos e ainda nada, quando o creado surge-me com a declaração do illustre medico de que não podia "se aventurar com um tempo d'estes e a estas horas da noite pela rua, pois havia nisso prejuizo para toda a humanidade. Que eu mandasse os symptomas da molestia".

Como me achasse num gráo completo de exaltação cerebral indiquei ao creado o que sentia, e que a proporção este ia transcrevendo numa caligraphia cheia de arabescos nos maiusculos. Novamente o creado que já fazia a reflexão de que tambem prejudicava a humanidade, foi levar o diagnostico.

Camafeu estudou a molestia, passeiou a longos passos pelo salão e após muitas consultas no livro grande, receitou-me o esperado remedio que d'ahi a horas libertar-me-ia das ancias da extraordinaria hyperesthesia cerebral. Estava numa caligraphia duvidosa, e a muito custo e com o auxilio do criado e de um vidro de augmento conseguimos escrever, formando as letras, as palavras:

Cimifif, Cinna e Chinos.

Entretanto mandei a receita ao pharmaceutico. O pharmaceutico, homem preparado, habil, versado em medicina, mandou-me um tubosinho contendo pilulas. Tomei-os com satisfação e esperei o effeito.

Não se fez esperar. Estava com uma complicação no cerebro, sentia o meu intellecto com um excesso enorme de tensão, agora com o effeito do tal remedio sentia tambem a minha barriga com uns tremeliques, umas doresinhas muito finas, um movimento de elevador do *Jornal do Commercio*, sempre a subir, sempre a descer, sem parar.

E assim se passou a primeira noite do tratamento do Camafeu.

No dia seguinte mandei novamente chamar o Camafeu. Sim, porque todos os doentes, os de mais sérias molestias ou de mais simples, devem sempre continuar o tratamento com o medico que o iniciou.

Assim eu que iniciara o meu com o Sr. Camafeu Pellado, devia, embora com prejuizo proprio, continuar, na certeza de que elle com a sua moderna e

simplificada therapeutica havia de conseguir daqui a uns 3 ou 4 mil annos, no Sahara ou na Conchichina, uma estatua equestre offerecida pelos descendentes dos seus clientes reconhecidos.

Camafeu veio me ver, não antes de se lastimar e de dizer ao meu creado, em phrases solemnes — a obrigação do medico, e a necessidade de todas essas cousas para se chegar ao mesmo fim, a morte do doente. Elle entrou no meu quarto com um ar dominador, de salvador da humanidade.

Era um typo feio, horrendamente feio, que eu na super-excitação em que me achava fiz ainda mais horrivel.

Alto, espadaúdo, corpo curvado, o rosto amassado, de pelle esbruaçada, o nariz se perdendo em zig-zag, os olhos pardos, ensombreados por sobrancelhas vermelhas, ruivas, a bocca enorme, larga, larga,, mostrando uns dentes amarellos, limosos, e onde vivia um sorriso diabolico, todo o Camafeu parecia feito para curandeiro invizivel.

Foi com medo que me deixei ascultar. Camafeu olhou-me, escutou todas as partes do meu corpo, perguntou numa voz estranha, e onde havia variações entre o falsete dos mascarados e o uivo forte do cão, o que é que eu tinha, quaes as principaes disposições da molestia e como me puz a proferir uma condemnação a trabalhos perpetuos num deserto frio, disse-me:

— O seu mal é incuravel. E' questão de dias. Só mesmo um milagre ou uma reacção por um qualquer effeito que produza no seu cerebro uma impressão forte. No entanto aqui está a receita, mande-a fazer e tome de seis em seis horas. Acabado, olhou-me, como quem espera o inesperado e sahiu levando ainda na mão o pagamento do seu enorme trabalho, isto é, andar um minuto e dar-me o trabalho de responder ás suas perguntas.

Oh! os med cos como são martyres da sciencia!

Vão ver o que se passou.

Um dia ouvi um typo, funccionario publico, de grossos bigodes e aspecto duvidoso, dizer numa roda de burocratas:

— A religião explica isso pela fé, mas a sciencia tambem o explica pela reacção do moral sobre o physico.

Só sei explicar é que dois dias depois me levantava da cama onde já estava ha dias e, onde tinha gasto quasi toda a minguada economia e todo o meu corpo.

Creio e todos hão de estar de accôrdo commigo que um homem como Camafeu Pellado deve ter por visitas e consultas 200$000.

Ou o doente morre e só gasta 200$000 ou o doente vive e só gasta tambem 200$000; foi o que succedeu commigo

SANCHO-SEM-PANÇA



## INSTANTANEO

*Exma. esposa do senador Coronel Schmidt.*

## Dom João

A clara luz do claro dia
Irisa o mar e doira o prado;
O espaço limpido irradia
Cheio de sol pulverisado.

Em regio thalamo odorante,
O peito audaz a arfar de amor,
Nos braços lubricos da amante
Dorme o feliz conquistador.

Trôa, porém, raivoso grito
Que a ambos accorda e, truculento,
Olhos em brazas, surge o afflicto
Dono da dama e do aposento.

Daquella o pranto orvalha o rosto,
E, allucinado, o Dom João
Treme de colera, disposto
A castigar a indiscrição.

E dilatando num gemido
Bronzeos pulmões e rijas guelas,
Dá na bengala do marido
Tremenda surra de costellas.

VOL-TAIRE

# Hymno á Alma

Acadinha-se o mundo e se apresenta em festas,
Ha cidadãos iguaes, o povo em fraternidade,
Palpitam corações, a discordia se evade,
Esplende um novo sol — vão-se as nevoas funestas.

Na arvore, folha e flor fulgura a pompa estranha
De um dia illuminado em cristaes e saphiras;
E tú, alma do bem, á natureza inspiras
E transportas do amor á lucida montanha.

Segues a lei suprema: a fé te guia e leva,
A palavra de Deus é o arco de alliança
Que vem do azul infindo e o mar e a terra alcança,
Dando harmonia ao mundo e fulgores á treva.

Aqui, na terra, a pedra anima-se e labora,
Tambem, no céo, a estrella agita-se e rutila,
E' um sopro de Deus que se torna em argila,
E brilhantes lapida ás lagrimas da aurora.

Exulta a natureza ao triumphar da idéa;
Parece que o infinito universos separa,
Porém, o pensamento, em harmonia rara,
Espiritos liberta e os homens encadeia.

A mão do Creador barro e metaes mistura,
Brilham vivos rubis, topazios singulares;
Magnolias e jasmins, tecem castos luares
E a alma de Deus então abraça a creatura.

Rico brilhante nasce entre o cascalho bruto,
No tronco secular rebenta a parasita,
A morte á vida esplende uma aurora infinita.
E na aza de uma estrella o teu carinho escuto.

No lodo brota o lirio em redolencias magas,
E o aroma da violeta embalsama a penumbra,
O eterno progredir nos eleva e deslumbra,
Fazendo-se estender, como o céo sobre as vagas.

A' terra esplende o céo — brilhos extraordinarios,
E na misericordia esconde o seu thesouro,
E o ser se divinisa e fica immorredouro,
Pulsando o coração — egregio estradivarios.

Saibamos esquecer a calumnia mais densa,
Amando sempre a quem noss'alma está ferindo,
Exaltando o perdão — como um santelmo infindo,
Que dos naufragios salva os cegos da descrença.

Tenhamos fé, Jesus é o exemplo fecundo;
Acima do universo a luz do bem transvasa;
Da cupola do céo caem perolas na aza
Da caridade — sobre as miserias do mundo.

Da lei universal um pensar agasalho,
E' que na ingratidão a piedade mais cresce,
Assim, ha no bolido — um soluço de prece
E a lagrima do céo no cristallino orvalho.

O assombro do Thabor — um mysterio descerra;
Christo é da terra a mais delicada assucena,
Jesus ao céo pertence — aurea estrella serena,
Que da sombra mais negra abre auroras á terra.

Do Calvario nos vem a luz indefinida;
Na angustia e no labor ergue-se o valor do homem,
Que forte póde ver como as noites se somem
Ante a crença que é sol, canto, perfume e vida.

Não ha fé que a desgraça em ventura não mude,
A palma do martyrio a redempção descobre,
A materia que soffre, é divinal alfobre,
Onde rebenta d'alma a mais bella virtude.

Só a verdade póde, em seu brilho mais pulchro,
Do espirito mostrar a evolução bemdita;
A pedra se levanta e Christo resuscita,
Transformando em vergel — o sagrado sepulchro.

Vem do espirito a seiva exuberante e rica,
Eterna floração que d'astros se reveste:
Ave dentre os rosaes, fulgor sobre o cypreste,
Essencia que o talento e as flores multiplica.

Desfeita a cerração das duvidas selvagens,
A esperança floriu o pesadelo acerbo;
O amor encadilhou a pureza do verbo,
E a harpa eolia estremeceu nas flores e ramagens.

Um desejo de paz em todo o mudo lavra:
O beijo ascende ao céo, a flor se prende á briza;
A eternidade da alma — o genio immortaliza,
E o cristal do saber glorifica a palavra.

Num jubilo que exulta e o soffrimento acalma
Lava o Jordão do amor as infamias e crimes
E a natureza canta, em musicas sublimes,
Um hymno triumphal á eternidade d'alma.

(Do *Sacrario*).

RICARDO DE ALBUQUERQUE

---

O admiravel photographo e nosso bom amigo Musso está enthusiasmadissimo com a agitação politica dos ultimos tempos. E tem razão! Pois só na ultima semana de Fevereiro vendeu apenas 150.000 photographias do senador Ruy Barbosa.

Aqui lhe deixamos os nossos parabens.

---

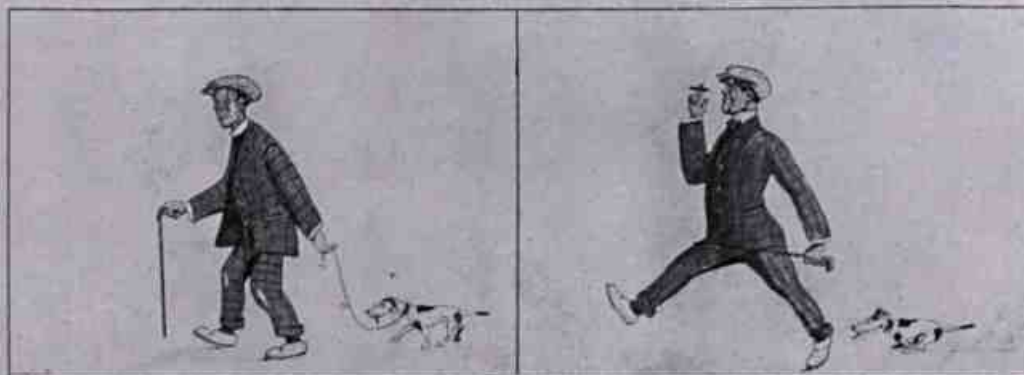
# TREPAÇÃO

— O' Liborio, você já reparou?... Quanto mais ridículo é um indivíduo mais ousado se torna.

— Isto não é seu. Eu já namorei uma senhora que me disse a mesma cousa.

# O "Veedee"

## VIBRADOR PARA MASSAGEM

**O VEEDEE** — O maravilhoso apparelho manual de massagem vibratoria que, num sem numero de enfermidades, offerece os mais maravilhosos resultados, comprovados por centenas de attestados, unanimes em proclamarem-lhe as beneficas vantagens. **O VEEDEE** emprega-se com extraordinario effeito nas molestias de estomago, sendo na DYSPERSIA de cura prompta e radical.

## RHEUMATISMO E GOTTA

### Theoria d'um medico eminente acerca do rheumatismo e gotta

Um medico dos mais abalisados do mundo expõe a seguinte theoria, explicando a causa da dor do rheumatismo e gotta: — diz:

«Quando o sangue corre do coração para as arterias, no seu estado normal, deve ser puro, mas n'uma pessoa que soffre de rheumatismo, acarreta crystaes duros e microscopicos de acido urico. Estes pequenos crystaes passam bem pelas grandes arterias, porém, quando chegam ás suas extremidades, aos vasos capillares, são demasiado grandes para os poderem atravessar, de modo que fazem pressão contra os nervos que os cercam. A irritação causada pela congestão e pressão é a dor do rheumatismo.»

«De qualquer modo estes crystaes têm que fazer a sua passagem atravez dos vasos capillares para as veias, e facilmente se comprehende, pelo que fica exposto, como a fricção ou a massagem manual os auxilia a passar, e portanto a alliviar a dôr.

«Em seguida estes crystaes passam das veias para os pulmões, esperando alli a vez de serem oxidados pelo ar e expulsos do organismo. N'um doente que soffre d'um excesso de acido urico, os pulmões não podem inteiramente expulsar estes crystaes, mas apenas reduzil-os no tamanho, tornando elles portanto a circular com novos crystaes que se vão formando».

*AGENTE GERAL PARA TODA AMERICA DO SUL: EASTON GARRETT*

**Depositarios Geraes no Brazil:**

*Orlando Rangel & Comp.*

140, AVENIDA CENTRAL — Rio de Janeiro

UNICOS AGENTES EM S. PAULO: BARUEL & C. — RUA DIREITA N. 1, S. PAULO

**Peça-se folheto explicatorio n. 2**

# Concursos da Careta

## CONCURSO DE BELLEZA INFANTIL

Diligenciando corresponder por todos os modos ao generoso auxilio que o publico tem dispensado a esta revista, resolvemos abrir um concurso de belleza infantil que de certo, vae despertar grande interesse ao nosso publico.

As condições são as seguintes:

1a — Poderão concorrer, enviando suas photographias todas as creanças de 1 a 12 annos, residentes em qualquer ponto do Brazil;

2a — As photographias terão o formato nunca inferior ao cartão-album, nunca devendo nellas figurar outras pessoas que não as concurrentes;

3a — Todas as photographias terão no verso o nome dos concurrentes, sua residencia, logar de nascimento, filiação e o nome do photographo;

4a — As photographias serão enviadas á redacção da *Careta* até 30 de Março p. f. em envolucro fechado com a indicação: "Concurso de belleza infantil".

5a — Encerrado o prazo para o recebimento das photographias, serão estas entregues ao julgamento de uma commissão que escolherá 24, que serão publicadas em nossas paginas;

6a — Sobre essas 24 creanças pediremos então a opinião dos nossos leitores para o julgamento final do concurso, sendo a classificação feita pelo numero de votos obtidos.

7a — Terminado o julgamento as photographias ficarão á disposição das pessoas que nol'as enviarem.

Distribuiremos 10 premios ás creanças classificadas nos 10 primeiros logares, riquissimos brindes, cuja relação publicaremos brevemente.

Desde já começamos a receber as photographias das concurrentes.

---

Em um dos nossos salões. Mademoiselle XXX pergunta ao Barão de Quibombôs, solteirão impenitente:

— Que idade tem o Sr. barão?

— Estou muito velho, senhorita. Já fiz 68 annos.

— Ah! E diz que é velho? Mas isso é a flor da idade para um homem rico como o barão.

## GAVETA DE CARTAS

*Gualter Martiniano* (Bahia). O senhor é decididamente muito teimoso! Seu "O Corvo" segue o destino que já tiveram os demais trabalhos que teve a paciencia de nos enviar, apezar das condemnações anteriores.

*Zerbino Bouquet* (Fortaleza). Póde beijar á vontade os labios da sua Ayda, "rosados, divinosos, bellos, lindas flores d'amores, petalas de rosas formosas e cheirosas", mas pelo amor de Deus não conte isso em verso e nem pense que acreditamos nessa pouca vergonha. A D. Ayda com certeza tem mais que fazer do que a toda hora lhe entregar os labios como affirma. Isso é gabolice sua.

*Gelasio Farias* (Bahia). Diga ao seu amigo que se elle entende de versos como o Gelasio são os dous poetas bem dignos um do outro. Tinhamos em outra conta o Costa e Silva desde a publicação do livro de que fizemos a critica nestas mesmas paginas. Mas agora a nossa illusão foi-se, passe bem, seu Gelasio.

*Junqueira Guarany* (Fortaleza). Não conseguimos comprehender o ultimo verso do segundo quarteto. Analyse a phrase.

*Frei Satanaz*. Estão á sua disposição os 5$000 que nos enviou para a abertura de um concurso. Não nos convém absolutamente semelhantes cousas offensivas e despidas de espirito.

*A. Maranhão* (Recife). Recebemos e agradecemos as photographias. Entretanto devemos dizer-lhe que achamol-as de interesse muito restricto para a publicidade. Se houver falta de assumpto photographico aproveital-as-emos em um dos proximos numeros.

*Tabaréo* (Rio). Carecem de concerto alguns dos seus versos. O amigo porque não lhe deu uma segunda mão de verniz?

*Padre Dario de Moura* (Cataguazes). Se o amigo não se affirmasse padre mesmo não acreditariamos!

Quem escreve versos como os que seguem:

Quizera ter-te nos meus braços bella
Linda donzella de formas de Venus
Um quarto d'hora que elle fosse ao menos
Que lindos threnos cantar-te-ia oh! bella!

Abandonava essa roupeta escura
Que a sorte dura me collou á pelle
Comtigo iria pelo mundo imbelle
Linda *Pucelle* d'Orléans futura!

Nós dois de braço dado, que ventura
Mas tu de mim ausente, triste horror!
Pois ha na vida cousa mais escura
Do que não me corresponderes ao meu santo amor?

Convence-te donzella da verdade
Vem aos meus braços vem e céleres fujamos
Vamos gozar a vida, a eternidade
Além dos montes, muito além! Corramos!

com certeza não é padre não é nada, é um homem como os outros. Emfim, como não nos occupamos com a vida alheia desejamos que seja muito feliz com a sua ella, casem-se e tenham muitos filhos.

*Haroldo Lima* (Maranhão). Seus versos foram fazer companhia a outros muitos que jazem na caixa do lixo.

*Sinhazinha* (Barbacena). Muito infantis os seus versos. Por esse motivo guardamol-os, pois indelicadeza seria atiral-os á caixa das inutilidades.

*Serafim Castrioto* (Petropolis). Seus versos são simplesmente idiotas.

*Mme. Juana Mail* (Rio). Já publicamos o retrato do coronel Tiburcio em um numero atrazado. Por isso deixamos de satisfazer seu precioso pedido.

*Villar Junior* (Ouro Preto). Não vale a pena. As photographias que publicamos são do nosso photographo mesmo.

*Edméa V.* (Rio). Muito graciosa a sua collaboração, mas... que linda letra!... mas... o papel bellissimo e perfumado... mas... o estylo muitissimo apreciavel... mas... emfim Ex., são tantas as perfeições que guardamos o seu conto porque nossa revista não é digna delle.

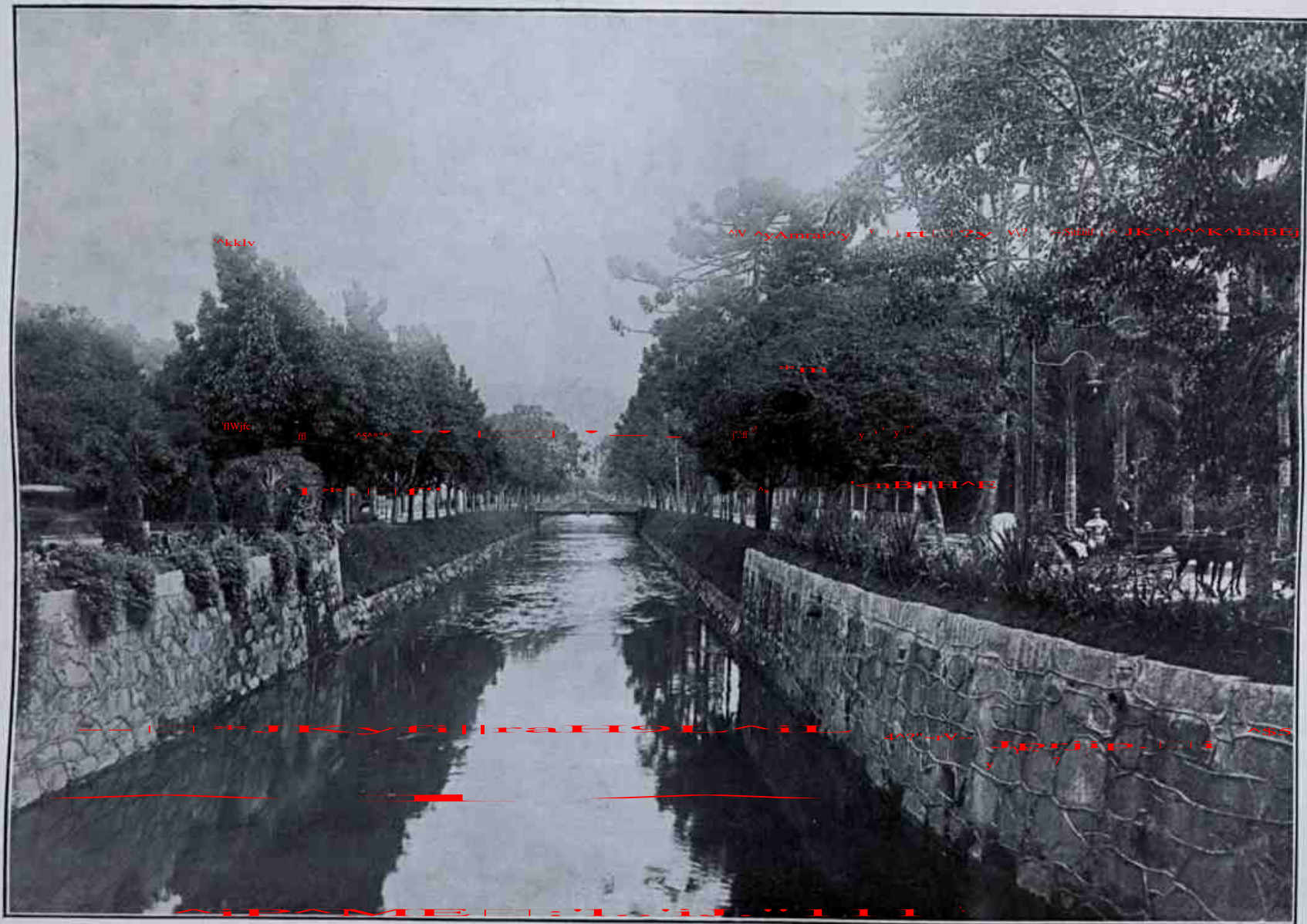
### Novo trocadilho

Em nosso ultimo numero publicamos alguns interessantes trocadilhos do Barão do Rio Branco, aos quaes podemos accrescentar mais um, que equivale a dois.

Falava-se da eleição de 1º de Março, do heroico esforço de Ruy Barbosa, quando o coronel Peceguei-ro amavelmente alludindo á popularidade do Barão classificou-a de eterna. O glorioso ministro trocadilhou com tristeza.

— Qual! *Popularidade? Rue!*

Constando-nos que o Sr. Elysio de Carvalho anda á procura dos redactores da *Careta* para metter-lhes o páo, declaramos que aquelle senhor poderá encontral-os nos mesmos logares em que os achava quando lhes vinha pedir louvores para as suas asneiras.

E o Chico Salles derrotado em Lavras, seu feudo?
E o Chico Salles derrotado em Capim Branco?
Que ingratidão! Até das gramminéas!

*Petropolis. — Praça Pedro de Alcantara, Avenida Sete de Setembro.*

# CHANTECLER

DE

## EDMOND ROSTAND

*Prologo.* — O panno de bocca oscilla e o director do Theatro surgindo junto á caixa do ponto, ordena: *Ainda não!* e, em versos admiraveis, interpretando os rumores que se ouvem por detraz do panno, suggere á platéa a visão de um terreiro cheio de gallinhas, ao sol alegrias dominicaes, passeios de creanças, tiros de caçadores troando no matto, sinos badalando ao longe. Isso parece indicar que os homens partiram e que os animaes pódem, pois, abrir sem temor os corações.

*1º Acto* — Terreiro de fazenda, cheio de luz. Um melro canta em sua gaiola e um cão rosna em sua casinha emquanto as gallinhas, numerosas e de differentes côres, tagarellam a respeito de Chantecler, que está ausente. Mas eil-o que apparece, cheio de soberba belleza, sobre o muro, e, deslumbrando as aves todas, entôa o seu poderoso hymno á gloria e ás bondades do Sol; distribue, depois, as tarefas quotidianas a cada um dos seus vassallos, aos quaes dá generosos conselhos, e resiste ás supplicas dos que desejam conhecer o segredo de seu canto: can-

*Edmond Rostand.*

to que faz nascer o Sol, segundo pensa e diz Chantecler, e o acreditam as aves, menos o chocarreiro Melro. Chantecler, quasi só no terreiro, resolve não

*1.º Acto.* CHANTECLER *protege e sustenta sob as azas, a* FAISÃ *que perseguida pelo cão Briffaud fugiu para o terreiro da fazenda, onde desmaiou.*

violar o segredo do seu canto, louva a sua propria galhardia e promette ser sempre alegre. O cão Patou, guardião da casa, do jardim e do campo, devotado a Chantecler, cujo canto admira, previne-o contra a inveja do Melro, o caixeiro viajante do riso corrosivo e do Pavão, esse embaixador estupido da Moda e como Chantecler tem accentuadas tendencias don-juanescas, embora desconheça os ardores das paixões violentas, o clarividente Patou discorre sobre as perfidias e enganos do amor, travando, então um dialogo amargo com o Melro. Perpassam varias aves. Trôam tiros na floresta proxima e Patou, imaginando passaros feridos ou mortos, rosna commovido. Ameaçada pela espingarda de um caçador e perseguida por um cão de caça, a Faisã cae offegante no terreiro e implora a protecção do cavalheiroso Chantecler, a quem já ouvira cantar, saudando a Aurora, na orla da floresta. Approxima-se Briffaut, o cão de caça, e a Faisã esconde-se na casinha de Patou. Retira-se o perseguidor. Chantecler, mostrando-lhe o terreiro, num passeio galante, arrasta a aza á linda Faisã, que o ironisa, desdobrando em lindos versos a sua historia aventurosa de ave bohemia. Chantecler allude ao segredo do seu canto e a Faisã, curiosa, procura, para devassal-o, attrahir á floresta o orgulhoso soberano do terreiro. Perfidamente avisadas pelo Melro, as aves todas apparecem no terreiro, desejando conhecer a linda Faisã. Quer esta regressar á floresta, mas escutando uma detonação que a atemorisa, acceita a offerta amavel do gallo e passa a noite na casa do cachorro, o bom e bravo Patou, que dorme ao ar livre. A noite cáe. Chantecler passa as aves em revista e sobe ao poleiro. Surgem, então, na sombra, olhos phosphorescentes. São a coruja e outras aves nocturnas, inimigas do gallo, por que faz nascer a luz, e mais o pato, o perú, o melro, o pavão, e quantos invejam a belleza, galhardia, e as nobres qualidades de Chantecler. Projectam, contra elle, uma conspiração. Cada um dos conjurados justifica as razões do seu odio; ouvindo-os, a Faisã murmura commovida: Eu começo a amal-o.

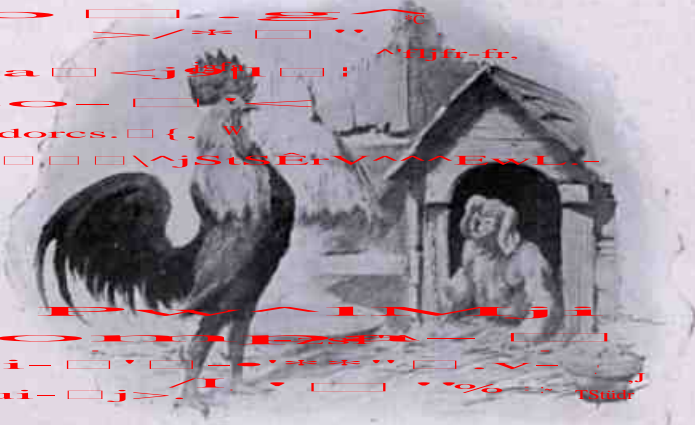
*2º Acto* — As aves nocturnas, a convite da Coruja, reunem-se á orla da floresta, e no mesmo local em que Chantecler costuma lançar o seu canto matinal, entôam o admiravel Hymno á Noite. Combinam, depois, o plano de acção contra Chantecler. Este, para agradar a Faisã, promettera comparecer á recepção da Gallinha de Angola, entre cinco e seis horas da manhã, á sombra das aboboras, na horta, quando o jardineiro fosse beber o seu "copo". Os nocturnos, lembrando-se que na villa existe um criador de gallos de todas as castas, resolvem leval-os á recepção, para que, com os seus differentes cocoricós e as suas esplendidas plumagens, offusquem o brilhante Chantecler. Levariam tambem entre todos esses gallos, para ser lançado contra Chantecler, um habituado a combater e armado de esporões metallicos adaptados aos naturaes pelos homens. Nessa

*1.º Acto.* CHANTECLER *apparece sobre o muro e canta o Hymno ao Sol.*

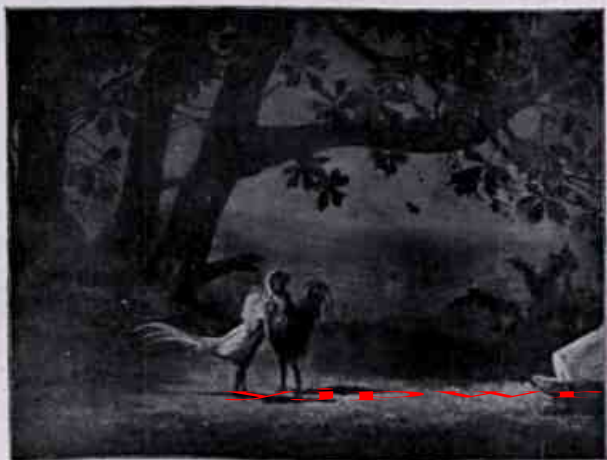
mesma noite, quando a creada do avicultor ia levar comida ás aves, pousou-lhe no hombro a Coruja e batendo com as azas agoirentas, atemorisou-a, obrigando-a a fugir sem ter antes fechado o gallinheiro, de modo que os quarenta e quatro gallos poderão comparecer á recepção da Pintada. Fulgem as luzes auroraes, um cocoricó vibra no espaço e os conspiradores espavoridos, debandam. Substituem-n'os á margem da floresta os passaros do dia, Chantecler e a Faisã. Chantecler vem fazer surgir o Sol e pela primeira vez não vem só. A Faisã pensa, curiosa, no segredo de Chantecler. Este, instado por ella, revella-o. Depois, cava o solo, afiasta-se um pouco dos companheiros e sentindo-se cheio das forças vitaes da terra — lança o seu cocoricó! Fulgura a pompa ardente da manhã e o Sol desponta com esplendor nunca visto. A Faisã, deslumbrada, adora-o. Despede-se, em seguida, até a hora da recepção. Chantecler

*2º Acto. As Aves nocturnas conspirando contra* Chantecler.

resolve não comparecer á recepção, mas sabendo pelo Melro da conspiração tramada pelas aves nocturnas, decide heroicamene correr ao perigo.

*3º Acto* — Realisa-se na horta, entre as abobo ras, á sombra do *espantalho* destinado a afugentar os passarinhos, a recepção da gallinha de Angola, a Pintada. Compareceram os gallos exoticos do avicultor. O porteiro, a Pega, annuncia os convidados, que ao entrar saudam a dama. Está presente a Faisã. Surge Chantecler e provocado pelos seus congeneres que dizem possuir cada um a verdadeira arte do canto, vence-os com o seu espirito scintillante. Desafiado pelo gallo de briga quando discutiam a proposito de uma rosa, Chantecler bate-se valentemente, fatigado do grande esforço que fizera para accordar o Sol fraqueia um momento, mas consegue vencer, pois o adversario se fere com os esporões metallicos de que está armado. Chantecler victorioso quer soltar o cocoricó triumphal mas não sabe mais

*1º Acto.* Chantecler *conversa com seu amigo o cachorro* Patou.

cantar, pois tendo ouvido alli futeis theorias de canto esqueceu a arte que sabia por instincto.

*4º Acto* — Ausentando-se do gallinheiro, Chantecler veio para a floresta, com a Faisã e reconquistando a gloria do seu canto continua a despertar o astro rei. A Faisã, com um egoismo de mulher, deseja absorver inteiramente o amante. Quer abater o orgulho do gallo, fazendo-o descrer da sua gloriosa missão. Assim, procurando distrahil-o no fim da noite para que a Aurora irrompa antes do seu canto, a Faisã leva-o a escutar o rouxinol, a cujo canto Chantecler esquece a passagem das horas.

*2º Acto.* Chantecler *confia á* Faisã *o segredo do seu canto.*

A Aurora nasce antes que Chantecler cante. Este, desesperado, atira o seu cocoricó aos ares mas é tarde: já os doirava o Sol. Desilludido, Chantecler torna ao gallinheiro a cuidar dos seus subditos, sem abandonar o canto, por que a sua missão é cantar. Cahindo viva num alçapão a Faisã é conduzida ao gallinheiro e ahi, abdicando a sua independencia, quer viver amada por Chantecler.

*3.º Acto. A Recepção da gallinha de Angola, a Pintada-Chantecler combatendo o gallo de rinha.*

*4.º Acto. A Faisã querendo demonstrar a Chantecler que o seu canto não levanta o sol, pede-lhe que passe um dia sem cantar.*

* * *

Narra um chronista que Edmond Rostand concebeu o Chantecler contemplando vesperalmente, de sua janella, um gallinheiro visinho. Pensam outros que o inspirador do grande dramaturgo foi o velho La Fontaine e um critico brazileiro, em carta que o *Figaro* não publicou, audaciosamente affirma que foi o nosso Barão de Drummond, creador do jogo dos bichos, quem suggerio a Rostand a original idéa de transportar o gallinheiro para a scena.

* * *

O sr. Manoel Bomfim, actualmente na Europa, assistio á *première* da nova peça de Rostand e, em carta dirigida á pessôa residente nesta cidade, informa que o gallo vencido por Chantecler na recepção da Pintada, nasceu no Rio de Janeiro e pertencia ao General Pinheiro Machado.

**ANATOLE FRANCE**

# O CRIME DE SYLVESTRE BONNARD

## SEGUNDA PARTE

### Joanna Alexandra

### IV

D'alli em diante o pensionato da menina Préfére ser-me-hia franqueado, todos os dias, do meio dia ás quatro.

Sabendo o interesse que eu tomo por aquella menina, crê do seu dever dar-me indicações a respeito da pessoa a quem confiou a sua pupilla.

A menina Préfére, que elle conhece de ha muito, merece-lhe toda a confiança. Mademoiselle Préfére é, segundo elle, uma pessoa esclarecida, de bom conselho e de bons costumes.

— Mademoiselle Préfére, diz-me elle, tem os seus principios; e isso é uma cousa muito rara, senhor, nos tempos que correm.

Tudo se acha bem mudado, actualmente, e esta época está longe de valer as que a precederam.

— Como prova d'isso, ahi está a minha escada, senhor, respondi eu; ha vinte e cinco annos deixava-se subir o melhor possivel, e agora, esfalfa-me e escangalha-me as pernas, logo aos primeiros degráos. Estragou-se, o demonio da escada. Tambem, do mesmo modo, ha livros e jornaes que eu devorava sem nenhum custo á luz da lua, e que hoje, ao mais rutilante sol, fazem pouco da minha curiosidade, mostrando-me apenas o branco e o preto, quando não estou de lunetas. A gotta trabalha-me nos membros. Ahi está mais uma maldade do tempo.

— E não é só isso, senhor, me respondeu gravemente mestre Mouche; mas o que ha realmente de máo na nossa época, é que ninguem está contente com a sua sorte. Reina de alto a baixo da sociedade, em todas as suas classes, um mal estar, uma inquietação, uma sêde de bem-estar.

— Meu Deus! senhor, respondi eu, crê o senhor que essa sêde de bem-estar seja uma questão d'este tempo?

Os homens não tiveram, em época alguma, o apetite do mal-estar. Sempre procuraram melhorar a sua sorte. O seu constante esforço produziu constantes revoluções. E elle continúa, eis tudo!

— Ah! senhor, me respondeu mestre Mouche, bem se vê que o senhor vive nos seus livros, longe dos negocios! O senhor não vê, como eu, os conflictos de interesses, as lutas de dinheiro. E' do grande ao pequeno a mesma effervescencia. Entregam-se a uma especulação desenfreada. O que vejo espanta-me.

Perguntei a mim proprio, se mestre Mouche não iria á minha casa senão para me exprimir a sua misantropia virtuosa; mas ouvi palavras mais consoladoras sahirem de seus labios. Mestre Mouche apresentou-me Virginia Préfére como pessoa digna de respeito, de estima e de sympathia, honestissima, capaz de devoção, instruida, discreta, dizendo o que sente, pudica e sabendo deitar causticos. Comprehendi então que elle não me fizera pintura tão sombria da corrupção universal, senão a fim de melhor fazer sobresahir, pelo contraste, as virtudes da professora.

Comprehendi que o estabelecimento da rua Demours era bem afreguezado, acreditado e lucrativo. Mestre Mouche, para confirmar as suas declarações, estendeu a sua mão enluvada em lã preta. Depois accrescentou:

Eu estou nos casos, pela minha profissão, de conhecer as pessoas. Um notario é uma especie de confessor.

Julguei do meu dever, senhor, trazer-lhe estas boas informações, no momento em que, um feliz acaso o poz em relações com mademoiselle Préfére. Só tenho a accrescentar isto: essa senhora, que ignora em absoluto que venho perante V. Ex., falou-me o outro dia do senhor, em termos profundamente sympathicos. Eu enfraquecel-os-ia repetindo-os, e não poderia, de resto, repetil-os, sem trahir de certo modo a confiança de mademoiselle Préfére.

— Não a atraiçõe, senhor, respondi eu, não a atraiçõe. A falar a verdade, eu ignorava que mademoiselle Préfére me conhecesse tão bem. Todavia, uma vez que o senhor tem nella a influencia de uma velha amizade, aproveito as suas

boas disposições, senhor, a meu respeito para pedir que desenvolva a sua infuencia junto de sua amiga em favor da menina Joanna Alexandre. Essa creança, pelo facto de ser uma creança acha-se sobrecarregada de trabalho. Simultaneamente alumna e patrôa, fatiga-se immenso. Demais a mais, fazem-lhe sentir, ao que parece, a sua pobreza, e ella tem uma natureza generosa, que as humilhações impelliriam á revolta.

— Ai! me respondeu mestre Mouche, é preciso preparal-a bem para a vida. A gente não está no mundo só para divertir se e para fazer tudo o que muito bem tem na vontade.

— A gente está na terra, atalhei eu vivamente, para deleitar-se na belleza e no bem e para fazer tudo quanto muito bem tem na vontade, quando essa vontade seja nobre, espiritual e generosa. Uma educação que não exercite as vontades é uma educação que deprava as almas. O professor deve ensinar a querer.

Julguei perceber que mestre Mouche me considerava um pobre diabo. Elle tornou com muita calma e segurança:

— Pense, senhor, que a educação dos pobres deve ser feita com mais circumspecção e tendo em vista o estado de dependencias em que elles devem ficar na sociedade. Talvez o senhor não saiba que Noel Alexandre morreu insolvivel e que sua filha é educada quasi por caridade.

— Oh! senhor! exclamei eu, não falemos em tal. Dizel-o seria pagarmo-nos, embora nada recebessemos.

— O passivo da herança, proseguiu o tabellião, excedeo o activo. Eu arranjei as coisas com os rendeiros, no interesse da menor.

Elle offereceu-se-me para dar-me explicações minuciosas; eu recusei-as, por não perceber patavina dos negocios em geral e em particular dos de mestre Mouche.

O tabellião voltou á carga, a justificar o systema de educação de mademoiselle Préfére, e disse-me em gestos de conclusão: — Não se aprende brincando.

— Pois sem brincar é que não se aprende, lhe respondi. A arte de ensinar não é outra cousa sinão a arte de despertar a curiosidade das almas novas para em seguida a satisfazer, e a curiosidade só é viva e sã nos espiritos que se sentem felizes. Os conhecimentos que se mettem a martello nas intelligencias entolham-as e abafam-as. Para digerir o saber, é preciso tel-o absorvido com apetite.

— Conheço Joanna. Se essa creança me houvesse sido confiada, faria della não uma sábia, por que lhe quero bem, mas uma criança lúcida de intelligencia e de vista, na qual todas as bellas cousas da natureza e da arte se viessem a reflectir com suave brilho.

Fal-a-ia viver em sympathia com as lindas paizagens, com as scenas ideaes da poesia e da historia, com a musica nobremente commovedora. Tornar-lhe-hia amavel tudo aquillo que eu desejasse fosse por ella amado.

Nada haveria, nem mesmo os trabalhos d'agulha, que eu não realçasse a seus olhos, pela escolha dos tecidos, o gosto dos bordados e o estylo das guipuras. Dar-lhe-hia um bom cão e um poney para lhe ensinar a tratar os viventes; dar-lhe hia passaros para ella sustentar, para lhe ensinar quanto vale uma gotta de agua e uma migalha de pão. A fim de criar lhe uma alegria a mais, queria que ella fosse caritativa com alegria.

E, pois que a dor é inevitavel, pois que a vida é plena de miserias, ensinar-lhe-ia essa sabedoria christã que nos eleva acima de todas as miserias e da belleza á propria dor. Ora aqui está como eu entendo que deve ser a educação de uma menina!

— Curvo-me reverente, me respondeu mestre Mouche, apanhando as suas luvas de lã preta.

Levantou-se.

— O senhor comprehende bem, lhe disse, acompanhando-o, que não pretendo impôr a mademoiselle Préfére o meu systema de educação que é todo intimo e perfeitamente incompativel com a organisação dos pensionatos todos, por melhores que elles sejam.

Simplesmente lhe peço, que a persuada de que dê menos trabalho e mais recreio a Joanna, que não a humilhe e que lhe conceda tanta liberdade de corpo e de espirito quanta fôr a que comporte o regulamento da instrucção.

Foi com sorriso amarello e mysterioso que mestre Mouche me assegurou que as minhas recommendações seriam tomadas em grande conceito e seriam tidas em grande conta.

Depois d'isso, fez-me um pequeno cumprimento e sahiu, deixando-me num certo estado de perturbação e mal-estar. Tenho privado toda a minha vida com pessoas de diversas castas, mas nunca vi nenhuma que se parecesse com aquelle notario e aquella professora.

*6 de julho*

Tendo-me mestre Mouche demorado muito, pela sua visita, renunciei a ir ver Joanna naquelle dia. Deveres profissionaes occuparam-me durante o resto da semana.

Embora esteja na idade do desprendimento, acho-me ainda preso por mil liames ao mundo em que tenho vivido. Presido a Academias, a Congressos, a sociedades.

Estou farto de funcções honorificas; preenchi sete d'esses encargos, bem contados, num unico ministerio. As repartições bem quereriam ver-se livres de mim e eu d'ellas.

Mas o habito póde mais que ellas e que eu, e mesmo manquejando, lá vou subindo as escaleiras do Estado.

Quando eu morrer, os velhos bedeis apontarão uns aos outros a minha sombra errando pelos corredores.

Quando somos muito velhos, é-nos extremamente difficil o desapparecermos. E no entanto, é tempo, como diz a canção, de fazer a minha retirada e de pensar em mudar de vida.

Uma velha marqueza philosopha, amiga de Helvetius na sua mocidade, e que eu vi ja muito idosa em casa de meu pae, recebeu na sua ultima doença a visita do seu cura, que queria preparal-a para morrer.

— E' preciso isso? perguntou ella. Mas eu vejo toda a gente consegui-lo completamente, de uma só vez, sem preparação.

Meu pae foi vel-a pouco tempo depois, encontrando-a muito mal.

— Boa noite, meu amigo, lhe disse ella apertando-lhe a mão, vou ver se Deus lucra, em ser conhecido.

E ahi está como morriam os bellos amigos dos philosophos. Este modo de acabar não é, decerto, de uma vulgar impertinencia, e leviandades como aquella, não se acham na cabeça de todos.

Mas taes leviandades chocam-me. Nem os meus temores nem as minhas esperanças se accommodam com uma tal partida.

Queria de meu, um pouco de recolhimento, e é para isso que é muito preciso que pense, d'aqui a alguns annos, em entregar-me a mim mesmo, sem o que me arriscaria bem...

Mas, chut! Que aquella que passa não se volte, ouvindo o seu nome. Eu posso ainda levantar, sem o seu auxilio o meu fardo.

Encontrei Joanna muito feliz. Contou-me que, quinta-feira passada, depois da visita do seu tutor, mademoiselle Préfére a libertou do regulamento e a alliviou de diversos trabalhos.

Desde esse abençoado dia, ella passeiou livremente pelo jardim a que só faltam flores e folhas; teve mesmo certa facilidade em trabalhar no seu infeliz S. Jorgesinho.

Ella disse-me sorrindo:

— Eu bem sei que é ao senhor que devo tudo isto.

Mudei de conversa, mas notei que ella me não escutava tão bem como desejaria.

— Vejo que a preoccupa qualquer idéa, lhe disse, fale-me d'isso em que pensa, ou então não diriamos coisa que valesse a pena, o que não seria digno nem da menina nem de mim.

Ella respondeu-me:

— Oh! eu estava-o ouvindo muito bem, senhor; mas é verdade que pensava noutra cousa. O senhor desculpa-me, não é assim? Pensava que é preciso que mademoiselle Préfére goste muito do senhor para que assim se tornasse, de repente, tão boa para mim.

E olhou para mim com ar a um tempo sorridente e assustado, o que me fez rir.

— Isso admira-a? disse eu.

— Muito, me respondeu ella.

— Fazia favor de dizer-me porque?

— Por que eu não vejo razão alguma para que o senhor agrade a mademoiselle Préfére.

— Acha então que sou bastante desagradavel, não é isso, Joanna?

— Oh! não, mas em verdade não vejo razão alguma para que o senhor agrade á senhora Préfére. E no entanto o senhor agrada-lhe muito, muito. Ella mandou-me chamar e fez-me toda a casta de perguntas a respeito do senhor.

— Na verdade?

— Sim senhor, queria conhecer a sua vida. A tal ponto, que me perguntou a idade da sua governanta!

— Ah! sim? lhe disse eu, e que pensa a menina d'isso?

Joanna conservou por muito tempo os olhos fixos nas suas botinas e parecia absorta em meditação profunda.

Por fim, levantando a cabeça:

— Eu desconfio d'isso, é muito natural, pois não é verdade, que a gente se inquiete por aquillo que não comprehende? Eu bem sei que sou uma estouvada, mas espero que o senhor não me ficará querendo mal.

Confesso que a sua surpreza me empolgára e que remoia na minha velha cabeça este pensamento da rapariga: a gente inquieta-se com aquillo que não comprehende.

Mas Joanna continuou, sorrindo:

— Ella perguntou-me... calcule!...

Ella perguntou-me se o senhor gostava de boa mesa.

— E como recebeu, Joanna, esse chuveiro de perguntas?

— Eu respondi: «Não sei, minha senhora».

E ella disse-me: «A menina é uma patetinha. As menores minucias da vida de um homem superior devem ser por nós notadas. Saiba, menina, que o senhor Silvestre Bonnard é uma das glorias da França».

— Safa! exclamei eu. E que pensa disso a menina?

— Eu penso que mademoiselle Préfére tinha razão. Mas eu não me accommodo... (embora me fique mal dizel-o) não me accommodo nada a que a senhora Préfére tenha razão seja no que fôr.

— Pois bem! esteja descançada, Joanna: a senhora Préfére, não tinha razão.

— Sim, sim, ella tinha razão. Mas eu quereria gostar de todos que gostam do senhor, todos sem excepção, e não posso, porque ser-me-á sempre impossivel vir a gostar de mademoiselle Préfére.

— Escute, Joanna, respondi gravemente, mademoiselle Préfére tornou-se boa para a menina, seja boa para com ella.

Foi, dando ainda mais gravidade á minha linguagem, que eu redargui:

— Minha filha, a autoridade dos mestres é sagrada. A sua professora de pensão, representa junto da menina, a mãe que a menina perdeu.

Ainda bem eu não tinha dito esta solemne parvoice e já d'ella me arrependia cruelmente.

A creança empallideceu, os seus olhos incharam.

— Oh! senhor! exclamou ella, como póde o senhor dizer uma coisa tal, o senhor?

Sim, como pudera eu dizer uma coisa tal?

Ella repetia:

— Mamã! minha querida mamã! minha mamã!

Só o acaso me impediu de ser pedaço d'asno até ao fim. Não sei porque artes eu tive o gosto de quem vai chorar. Na minha idade não se chora. Foi preciso que uma tosse maligna me tirasse lagrimas dos olhos. Emfim, era para a enganar. Joanna enganou-se.

Oh! que puro, que radioso sorriso brilhou então nas suas bellas pestanas molhadas, á semelhança do brilho do sol nos ramos, após uma chuva de verão! Tomámo-nos as mãos, e ficámos por muito tempo sem dar palavra, felizes.

— Minha filha, disse eu por fim, eu estou de posse de muitos segredos que ha na vida e que a menina pouco a pouco virá a descobrir. Creia-me: o futuro é feito do passado. Tudo o que a menina faça para aqui bem viver, sem odio e sem azedume, servir-lhe-á para viver um dia em paz e alegria no seu lar. Seja paciente e saiba soffrer. Quando se soffre de boa vontade, soffre-se menos. Se lhe succeder um dia ter uma verdadeira razão de queixa, cá estarei para a escutar. Se alguem a offender, eu e a senhora de Gabry sentir-nos-emos offendidos tambem.

— Como está a sua importante saude, senhor?

Era mademoiselle Préfére, que viera em pesinhos de lã, e que me fazia aquella pergunta, acompanhada de um sorriso. O meu primeiro pensamento foi de a encommendar a todos os diabos, o segundo, constatar que a sua bocca era feita tanto para sorrir como uma cassarola é feita para com ella se tocar rabeca, a terceira foi devolver-lhe a sua amabilidade, dizendo-lhe que esperava que ella passasse muito bem.

Ella mandou a menina passear para o jardim; depois, com uma mão sobre a pelliça e a outra extendida para o quadro de honra, apontou-me o nome de Joanna Alexandre, escripto em caligraphia redonda, na cabeça do rol.

— Vejo, com sensivel prazer, lhe disse, que está satisfeita com a conducta d'esta criança.

Não podia ser-me mais agradavel, e sou levado a attribuir este feliz resultado á sua vigilancia.

*(Continúa.)*

# A EQUITATIVA

## SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

### APOLICE N. 13.845

Illm. Sr. superintendente da Equitativa.

Com o coração transbordando de reconhecimento venho agradecer-vos a gentileza de ter vindo com tanta presteza á minha casa effectuar o pagamento de 5:000$, pela apolice sorteada em 15 do corrente, não obstante eu já ter recebido integralmente o seguro, que em tão boa hora effectuou o meu pranteado marido Antonio Pedro de Araújo, nessa riquissima sociedade. Que seria de mim, viuva, com seis filinhos, pauperrima, se não fosse o seguro effectuado pelo meu saudoso marido, na humanitaria Equitativa?

E eu procurei obstar, fil-o desmanchar o primeiro seguro, não quiz consentir o segundo, devido a conselhos de amigas supersticiosas, e o meu marido, com extraordinaria energia, não attendeu aos meus rogos, tornando effectivo o seguro, que hoje me collocou e aos meus filinhos ao abrigo da necessidade.

Que meu exemplo sirva de licção a muitas mães de familia, supersticiosas, que procuram impedir que seu maridos façam seguros de vida, cujo acto revela um impulso de nobreza e dedicação dos chefes de familia, que procuram garantir o futuro dos seus.

Podeis fazer desta o uso que lhe convier.

Santos, 24 de Abril de 1908.

Vossa admiradora e creada
Celiza Laudares de Araújo

Rua Bittencourt 189.

---

### APOLICES NS. 52.738 9

Rio de Janeiro, 15 de Abril de 1909.

Illms. Srs. directores da Equitativa dos Estados Unidos do Brazil — Rio de Janeiro — Amigos e Srs. — Já em 15 de Outubro de 1908 tive a satisfação de escrever a VV. SS. agradecendo o pagamento de 5:000$, com que fôra nesse dia contemplada pela segunda vez a minha apolice n. 52.738.

Hoje tenho novamente o prazer de voltar á presença de VV. SS., para, mais uma vez, patentear os meus agradecimentos pelo pagamento que acaba de me ser feito da quantia de outros 5:000$, importancia esta que representa a sorte que me coube hoje, e correspondente á minha apolice n. 52.739.

Pelo que acima fica exposto, verifica-se que em um periodo de anno e meio tive a felicidade de ser contemplado em tres sorteios semestraes consecutivos, e assim receber a quantia de 15.000$ em moeda corrente, sem absolutamente prejudicar as demais vantagens que me conferem as citadas apolices ns. 52.738|9, as quaes ficam em inteiro vigor e, portanto, com direito a concorrerem aos demais sorteios, nos termos do contracto.

Reiterando os protestos de meus agradecimentos, subscrevo-me com alta estima e consideração, de VV. SS., amigo attencioso e obrigado,

Arthur Ivans G. da Silva

---

As apolices ns. **40.351** e **40.556**, referidas na seguinte carta, não obstante haverem sido pagas, em 24 de Novembro de 1909, por fallecimento do segurado, ainda teem de concorrer ao sorteio de 15 de Abril de 1910:

---

Illmos. Srs. Directores da Equitativa dos Estados Unidos do Brazil. — Nesta.

Amigos e senhores — Dirigindo-me a VV. SS., venho manifestar os meus agradecimentos, como procurador da Exma. Sra. D. Josepha dos Prazeres da Silva, pelo pagamento que promptamente acabam de me fazer da quantia de 15.000$, representada pelas apolices ns. 40.351 e 40.556, pertencentes ao Sr. Casemiro de Almeida Possinha, segurado nessa importante sociedade e ultimamente fallecido em Portugal.

Serve esse facto mais uma vez, para demonstrar as indiscutiveis vantagens do seguro de vida, conforme as apolices emittidas pela Equitativa, portanto, além de porporcionar agora á beneficiaria aquella importancia, dá direito á mesma em virtude do semestre differido, a que as apolices ns. 40.351 e 40.556, concorrem ao proximo sorteio, em 15 de Abril de 1910: ficando assim essas apolices habilitadas a facultar á referida senhora mais a importancia que naquelle sorteio couber a uma ou a todas aquellas apolices, conforme a sorte determinar, o que equivalerá nesse caso a duplicar a importancia que, em vida, havia legado o segurado.

Por esse motivo, não faço mais do que cumprir um comesinho dever lembrando as innumeras vantagens das apolices emittidas por essa benemerita sociedade, subscrevendo-me, com elevada estima e consideração.

De VV. SS. am. att. e obrig.
José Francisco Soares

Pedir prospectos e tabellas de seguro com sorteios em dinheiro em vida do segurado

**Na séde social e com seus agentes em todos os Estados da União**

# "CLUBS CASA STANDARD"

## 106, Ouvidor, 106—Filial em S. Paulo: 12, Praça Antonio Prado, 12

— Vês, caro amigo, esta admiravel nitidez! Queres escrever assim?

— Escrever assim, para quem tem como eu, uma letra ilegivel, seria a salvação. Mas como obterei uma dessas machinas?

— Inscrevendo-te num dos Clubs da Casa Standard.